



A gente canta de tudo para aproximar a arte das pessoas. Viemos para mostrar que nosso trabalho não se restringe à ópera",

Renata Dourado, soprano

» JOÃO PEDRO ALVES*

Com olhar atento, é possível perceber a fachada brilhosa erguida às margens da estrada entre Brasília e Goiânia. O trecho da BR-060 na altura de Alexânia, dominado por lojas de móveis rústicos, ferragens e artesanato, divide espaço, desde novembro do ano passado, com o Teatro Marie Padille, único equipamento cultural no raio de pelo menos 50 km. Em 5 de março, Dia Internacional da Música Clássica, o Correio acompanhou o primeiro espetáculo de artistas locais exibido no palco recém-inaugurado.

A *Ópera tem palco - Opereta do Cerrado*, que teve a participação da Cia. de Cantores Líricos de Brasília, narra a história da chegada de um teatro a uma cidade a partir da perspectiva dos personagens Lândin e Mrs. Green. O texto se abastece da situação vivida em Alexânia e, por isso, Valdivino Clarindo e Livia Vanucci, dois moradores da cidade que nunca haviam atuado, foram escolhidos para os papéis. Os diálogos entre eles eram interpostos a canções líricas clássicas, como *Con té partiró*, famosa na voz de Andréa Bocelli, *Nessun dorma*, de Giacomo Puccini, e *Hallelujah*, de Leonard Cohen. Coube à companhia brasiliense interpretar esse repertório.

Local e universal, popular e erudito, são alguns dos eixos abordados na opereta. "O espetáculo tem que ser voltado para o público que assiste, para o espaço onde se apresenta e pelos grupos que o formam. Achamos o universo muito diversificado, desde o erudito até o popular, apropriado para essa ocasião", explica o maestro Rafael Abreu, da Cia. de Cantores Líricos.

No ponto de maior entusiasmo da plateia, as violeiras Anna Cristal e Paula Morelli, de Alexânia, subiram ao palco durante a música *Romaria*, de Renato Teixeira. "A gente canta de tudo para aproximar a arte das pessoas. Viemos para mostrar que nosso trabalho não se restringe à ópera", comenta a soprano Renata Dourado. Para ela, a forma como a opereta foi montada atende tanto quem nunca teve a oportunidade de assistir a um espetáculo quanto pessoas familiarizadas com música clássica.

A opereta foi o que levou o casal Wladimir Mariano e Cleziana Ribeiro pela primeira vez ao teatro. "Estava muito curiosa. A gente passava pela porta e tinha vontade de entrar", compartilha a ceramista, com sorriso no rosto. "É maravilhoso saber que tem um lugar como esse na cidade", completa. Adelição Gonçalves, de 59 anos, também nunca havia participado de uma ópera por "falta de oportunidade". Até que recebeu o convite de um "velho amigo" e agora ator. "Teatro é novidade, isso atrai as pessoas", diz Valdivino, advogado do tribunal do júri que experimentou a nova função. "O que me encantou foi a participação do público. Achei fantástico".

Autora da opereta e empresária que fundou o Marie

Padille, Edna Pinato acredita que "Alexânia vai entender o valor dessa interatividade com a arte, dessa conexão ao vivo". Quem dirigiu a peça foi Arnoldo Jacaúna, outro sócio do teatro, com a colaboração de Dye-go Cesar Lima. Como parte do roteiro, ao final do espetáculo, o microfone foi aberto ao público, que fez perguntas, comentários e agradecimentos. "A melhor experiência é ver a receptividade do público, tanto expressando seus sentimentos quanto engajando, perguntando como é que funciona, os bastidores, as dificuldades. Isso é muito rico para a gente", afirma o maestro Abreu. Para Edna, ao coletar essas reações, o objetivo é entender a experiência do público para aprimorá-la.

Por trás do palco

O Teatro Marie Padille, construído com recursos privados, é fruto da iniciativa da advogada Edna Pinato. Ao lado do marido, Arnoldo Jacaúna, e dos filhos, Priscila e Henrique Pinato, a também empresária resgatou um desejo antigo de se aproximar da arte e decidiu fundar o primeiro teatro de Alexânia. O auditório de 130 lugares reúne equipamentos de luz e de som com tecnologia moderna. A entrada, em formato de pirâmide, sugere a ligação com um templo. Um camarote com espaço para 10 pessoas foi pensado para oferecer experiência gastronômica a espectadores, que, enquanto assistem à peça, saboreiam pratos assinados pela chef Mariana Pinato.

"Nós fizemos um investimento com nossas próprias economias, buscando sempre a realização do sonho da democratização da cultura, com os desafios desde a edificação até articular com artistas, articular a formação de público", explica Edna. Segundo ela, o "teatro de boutique", como define, é um marco na história da cidade por apresentar diferentes possibilidades artísticas a pessoas da região. "Cultura é diversidade, e é isso que vamos propor." O espaço se tornou ponto de encontro para diferentes grupos, desde violeiros a motociclistas, que se reúnem aos domingos para ouvir música no pátio do teatro.

O Marie Padille também conta com uma sala de aula em que são lecionados cursos anuais gratuitos para crianças, adolescentes e adultos, como balé clássico, violão e dança. Os professores voluntários atendem cerca de 210 alunos matriculados. A Escola de Artes Marie Padille foi fundada dois anos antes do teatro e é gerida por uma Organização da Sociedade Civil (OSC), a Empresa Azul. O projeto concilia os eixos social e negocial, com a captação de recursos a partir de editais.

*Estagiário, sob supervisão de Severino Francisco, assistiu ao espetáculo a convite da equipe do Teatro Marie Padille



A empreendedora Livia Vanucci também estreou no teatro como Mrs. Green

NOVAS LUZES NO CERRADO

TEATRO MARIE PADILLE, RECÉM-INAUGURADO EM ALEXÂNIA, PRETENDE DINAMIZAR A CULTURA NA CIDADE E OFERECER OPÇÃO PARA OS ARTISTAS DO ENTORNO



Ópera tem palco, de Edna Pinato, levou público ao primeiro teatro de Alexânia.

